

# Saberes e práticas de cura nas narrativas de uma guardiã da tradição

## Healing knowledges in the narratives of a female guardian of tradition

**Esmeraldo Tavares Pires**  
Universidade Federal do Pará  
[esmeraldotavares@hotmail.com](mailto:esmeraldotavares@hotmail.com)

### Resumo

As populações tradicionais amazônicas reúnem uma diversidade de saberes, cujos processos de aprendizagem acontecem oralmente e no fazer cotidiano a partir da interação com as pessoas mais experientes e com a natureza. Objetivei descrever os saberes de cura presentes nas narrativas de uma guardiã da tradição. A questão de investigação centrou-se em entender a importância que essa mulher atribui a esses saberes. Para registrar as falas sobre os saberes e as práticas de cura, utilizamos trocas de mensagens de áudio em um aplicativo de mensagens, tomando como base o método como estratégia, de Edgar Morin (2016). Finalizo afirmando que a educação presente nas práticas dessa mulher é forjada na experiência das relações cotidianas tecida entre ela e os sujeitos que ajudou com suas práticas de cura. Isso me permite dizer que o processo de aprendizado promovido pela guardiã da tradição é legítimo, ainda que não aconteça em um ambiente formal de educação.

**Palavras-chave:** práticas e saberes de cura, plantas medicinais, guardiã da tradição, ciência primeira.

### Abstract

The traditional Amazonian populations bring together a diversity of knowledge, and their learning processes occur orally and in everyday life, based on interaction with older, experienced people and with nature. I aimed to describe the knowledge of the healing kind which one finds in the narratives of a female guardian of tradition. The research question focused on understanding the importance that this woman attributes to these kinds of knowledge. To register her account about the healing knowledges, we exchanged audio messages through an instant message application, based on Edgar Morin's concept of method as a strategy. I conclude with an affirmation that the educational character that can be found in this woman's practices is forged in the experience of everyday relationships woven between her and the subjects whom she has helped with her healing practices. This allows me to say that the learning process promoted by this guardian of tradition is legitimate, even if it does not happen in a formal educational environment.

**Key words:** healing practices and knowledges, medicinal plants, guardian of tradition, primary science.

## Introdução

As populações tradicionais amazônicas reúnem uma diversidade de saberes, cujos processos de aprendizagem acontecem oralmente e no fazer cotidiano a partir da interação com as pessoas mais experientes e com a natureza. Esses saberes são frutos das diversidades culturais das sociedades humanas e se constituem uma *ciência primeira*, construída pela prevalência da lógica do sensível, em que os saberes dessas culturas estão ligados aos saberes da natureza e arraigados na tradição, conforme advoga Lévi-Strauss (2008), no livro *O pensamento selvagem*. É sobre essa *ciência primeira* que está alicerçada essa pesquisa.

Almeida (2017b) argumenta justamente em favor dessa ecologia dos saberes e da importância dos *saberes da tradição* para a manutenção do diálogo entre estratégias cognitivas distintas e complementares. A autora ainda ressalta que é importante não esquecer que parte das grandes descobertas da ciência teve como base a experiência cotidiana, e, muitas delas, de pessoas comuns, não cientistas.

Neste escrito, apresento o recorte de uma pesquisa doutoral em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará (UFPA), a qual tem como interlocutoras um grupo de mulheres<sup>1</sup> do município de Ponta de Pedras, da Ilha de Marajó, estado do Pará, norte do Brasil. As *guardiãs da tradição*, como são identificadas na pesquisa as rezadeiras, benzedoras, parteiras, curandeiras, mães de santo, erveiras, raizeiras, são detentoras dos *saberes da tradição* (ALMEIDA, 2001, 2017a, 2017b) relacionados ao cuidado da saúde.

Assim, neste texto, objetivei descrever os saberes de cura presentes nas narrativas de uma guardiã da tradição. A questão de investigação centrou-se em entender a importância que essa mulher atribui a esses saberes herdados dos antepassados e mobilizados para curar enfermos nos dias atuais, especificamente, na cidade de Ponta de Pedras, Ilha de Marajó.

### Aspectos metodológicos

Tradicionalmente, os modelos de investigação têm ensinado a separar em infinitas seções, a olhar as partes, o que quase sempre proporciona uma visão parcial do mundo, dificultando e limitando a compreensão da complexidade e da diversidade dos saberes necessários à manutenção da vida, das culturas e dos próprios conhecimentos. Desse modo, utilizei o *método complexo*, ao entender o *método* como *estratégia*, numa proposta de interações recíprocas autoconstituintes entre a descoberta (teoria) e o caminho da descoberta (método) do conhecimento. Sendo assim, “é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha” (Morin, 2016, p. 36). Daí que o método, isto é, o caminho, se fará no processo. Nessa direção, Morin (2015, p. 250) diz que “o conhecimento precisa de uma estratégia para articular, verificar, corrigir através do risco e do impreciso, a sua representação das situações, dos seres e das coisas”. Por isso, o conceito de *método* atrelado ao de *estratégia* e, oposto ao de programa.

Logo, a estratégia dessa pesquisa se intercambia, pois, à medida que realizei uma série de entrevistas semiestruturadas áudio-gravadas com a guardiã da tradição, também organizei suas narrativas, com o propósito de melhor compreendê-las e possivelmente aprofundá-las. Isso se assemelha a um *bricoleur* (LÉVI-STRAUSS, 2008), ao adequar e ajustar a pesquisa conforme ela se desenvolve, sem perder de vista o rigor necessário.

---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa para a elaboração da tese de doutorado, foram entrevistadas três mulheres; neste texto, apresento partes das narrativas de uma delas.

Iniciei as entrevistas em janeiro de 2020, com data e horário definidos pela guardiã da tradição e por uma de suas filhas. No entanto, a pandemia causada pelo novo coronavírus (Covid-19) no mundo e, em especial, no Brasil, forçou-me a elaborar outra estratégia de pesquisa para manter o contato. Com o apoio da filha de dona Rosinha<sup>2</sup> e o uso do aplicativo de mensagem *WhatsApp*, passei a me comunicar por meio de mensagens de áudios, que foram salvos, transcritos e organizados para compor a narrativa dessa senhora sobre os saberes de cura.

### Saberes e práticas de cura

A Amazônia é uma região híbrida de povos e de saberes ancestrais herdados, reorganizados e acumulados de diversas populações que nos antecederam de matrizes culturais indígenas, africanas e europeias, que constituem a formação do povo brasileiro (RIBEIRO, 1995). Nessa direção, Maués (1990) destaca que a cultura amazônica é uma cultura de fisionomia própria, com predomínio das sabedorias indígenas, mescladas às matrizes negra e europeia. O ator principal da cultura amazônica é o caboclo, resultante da miscigenação do índio com o branco, e cuja força cultural tem origem nos saberes tradicionais herdados, em especial, das comunidades indígenas.

Na Amazônia, a sabedoria emana dos rios, da floresta, dos animais, dos costumes, das tradições, ou seja, do visível e do invisível, do sensível e do inteligível (LOUREIRO, 2000). Nessa ambiência, os saberes da tradição são utilizados por mulheres que dominam técnicas de cura, do parto e da utilização de ervas, raízes, cascas, folhas, óleos vegetais e de partes de animais para (re)criar e administrar remédios naturais e tratar de enfermidades.

No entanto, esses saberes não são exclusividade de um povo; fazem parte das diversas culturas. Trata-se de um complexo sistema de significados e conexões decorrentes das relações que o homem estabelece com a natureza (LÉVI-STRAUSS, 2008; SANTOS, 2000). Esse conjunto de saberes tradicionais se mantém vivo em função da sua utilidade para os povos ao longo da história humana, por meio de apropriações, ressignificações e acréscimos ao longo de séculos (LÉVI-STRAUSS, 2008; ALMEIDA, 2017b).

De acordo com Benedita Pinto (2010), as histórias dessas *terapeutas tradicionais* se confundem com a própria história de formação das sociedades e das regiões onde habitam, pois, historicamente, as práticas e saberes dessas mulheres consolidaram-se ao longo dos anos por meio de uma clientela que confia no poder de suas palavras, orações, toques, ervas, raízes e folhas que manipulam. As habilidades desenvolvidas e consolidadas com a prática cotidiana lhes oferecem a condição de “médicas populares”.

Desse modo, as memórias, as histórias e os saberes de cura da guardiã da tradição não são avaliados por critérios de “verdade ou mentira”. Pelo contrário, busquei apresentar o complexo de seus saberes a partir das memórias acionadas e partilhadas.

Descrever as narrativas de Dona Rosinha, considerada aqui como uma *guardiã da tradição*, é relevante por possibilitar entender a importância que essa mulher atribui aos saberes e práticas de cura. O foco, aqui, é nos saberes que ela deu mais notoriedade: os **saberes do parto**, do uso dos **remédios do mato**, das **benzeções** e dos **banhos**.

Dona Rosinha, como prefere ser chamada, casou-se aos 17 anos, foi mãe de dez filhos, todos nascidos pelas mãos de parteiras. Atualmente, conta 88 anos e tem uma boa memória para recordar os diversos casos de comorbidade dos pacientes que atendeu. As narrativas

---

<sup>2</sup> O uso do nome da guardiã da tradição foi autorizado por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em conformidade com as orientações relacionadas à ética na pesquisa em educação e com seres humanos.

evidenciam uma mulher forte e experiente, que, ao longo da vida, sistematizou um conjunto de conhecimentos e de práticas ancestrais. Ao falar sobre como se tornou parteira e os saberes relacionados ao parto, Dona Rosinha revelou:

*Minha mãe era parteira, e das boas. Dona Chiquinha era famosa em muitos lugares. Ajudou muita criança a nascer e a salvar muita mulher da morte. Realizava partos por tudo quanto era lugar. Tinham outras mulheres parteiras na família: minha sogra, minha tia e uma irmã. A primeira pessoa que eu assisti o parto foi da minha cunhada. Eu tinha 22 anos. Minha sogra me chamou para ajudar. Desde aí, fui pegando, fui pegando, foi assim que comecei a trabalhar como parteira. As pessoas me procuravam, era gente do sítio e da cidade, não tinha horário. Era a vida de uma parteira andarilha. Eu peguei muitas crianças, não sei dizer quantas, mas foram muitas. Foi de boca em boca que meu nome foi circulando. E eu fiquei conhecida como Dona Rosinha, a parteira. Tem família que fez o parto da mãe e da filha, duas gerações.*

*Tiveram alguns casos que foram muito difíceis. Nesses, eu me apegava a Deus. Essa força, esse dom vem de Deus. Era Ele que me ajudava a ajudar as mães. É Ele que me capacita. Sempre trabalhei para o bem, acho que por isso que Deus ouvia e ouve meus pedidos. Eram vidas de mães e filhos. Maria, nossa mãe, sempre intercede. Eu era apenas um instrumento. A pessoa que estava ali para ajudar.*

*Às vezes, quando a criança nascia, mas a placenta não saía e o colo do útero se fechava, eu não podia cortar o cordão umbilical. Eu fazia minhas rezas, diluía um pouco de cinza do fogão à lenha numa xícara com água, botava um pouco de sal para a mulher apertar na mão direita, colocava nela o chapéu do marido. Depois benzia e rezava. Não demorava muito e a placenta descia (Rosinha, fev. 2020).<sup>3</sup>*

Percebe-se que o cuidado de trazer crianças ao mundo de Dona Rosinha é herança de uma tradição familiar, evidenciada, em sua fala, pela existência de mulheres parteiras em sua família e pelas técnicas aprendidas com outras mulheres mais velhas de sua família. Pinto (2010) explica que, na maioria dos casos, a parteira também é benzedeira e curandeira, atua na missão de ajudar a nascer, de trazer pessoas ao mundo; para isso utiliza saberes de várias ordens.

Além disso, por mais de 40 anos, Dona Rosinha desenvolveu sua profissão sem nenhuma garantia trabalhista. No entanto, seu ofício foi sendo legitimado por uma clientela, da qual recebia o respeito, a gratidão e o reconhecimento, conforme evidencia a sua narrativa.

Outro destaque dos relatos se refere à capacidade de essa senhora combinar diferentes elementos, uma ação complementar, uma terapêutica que resultava no alívio da dor, no nascimento da criança e na cura da parturiente. Uma *ciência primeira* (LÉVI-STRAUSS, 2008), pautada pelos *saberes da tradição* (ALMEIDA, 2017b), fundamental para a sobrevivência, nesse caso, da mãe e da criança.

Sobre os “remédios do mato”, ela relatou:

*Eu plantava e ainda planto minhas ervas. Como não tinha farmácia, eu utilizava elas. A minha farmácia ficava a poucos passos da minha casa. Quando eu preciso, é a elas que eu recorro. Muito difícil eu usar remédio de farmácia. Quando meus filhos adoeciam, não tinha médico nem hospital, não tinha vacina como hoje tem. O que é que eu fazia? Com o conhecimento que eu tenho das plantas, das ervas, das raízes, dos óleos, das banhas e das outras coisas, era com eles que eu cuidava dos meus filhos. Meus filhos e boa parte dos meus netos sempre foram tratados com esses remédios da natureza. E*

---

<sup>3</sup> As narrativas de Dona Rosinha, com mais de três linhas, foram formatadas com margem recuada de dois centímetros, em itálico, fonte 11, para diferenciar das citações diretas, que obedecem ao padrão normativo da ABNT.

*quem me procurar, eu ensino. Quando a pessoa conhece as plantas e as coisas que eu falo para comprar, eu indico para ela fazer. Mas, às vezes, eu mesma faço os banhos, as fricções e os unguentos. Fazia remédio para febre, garganta, inflamação, picada de bicho, para um monte de coisa. Eu tinha muita planta: manjerição, cravo, japana, catinguinha, hortelã e hortelãzinha, óleo elétrico, ouriço, arruda, santa maria, babosa, algodão, pucá, priprioca, tinha muita coisa. Misturava com vinagre aromático, cachaça, óleo ou banha e fazia fricção. Meus remédios eram esses, eram remédios do mato. Nas minhas plantas, eu tinha remédio para quase tudo. Usava raízes, casca, folhas, óleos, banha. Mas é preciso saber a distinção do que é da farmácia e do que é do mato, das ervas. É preciso ter cuidado com a mistura, saber a quantidade exata de ervas para fazer as coisas. Se colocar muito, pode fazer mal, ou se pouco, pode não fazer efeito, se colocar mais ou menos, pode não funcionar e até matar (Rosinha, fev. 2020).*

Dona Rosinha deixa claro, em seu relato, que sempre se valeu dos recursos da fauna e da flora para produzir seus remédios. Suas práticas relacionadas ao uso desses saberes sobrevivem tradicionalmente alicerçadas no uso dos “remédios do mato”. De acordo com Freitas e Coelho (2014), o uso desses recursos naturais se relaciona aos primórdios da medicina, vestígios sobre a utilização de plantas na prevenção e/ou na cura de doenças foram encontrados em civilizações antigas e constitui-se uma prática existente em todas as culturas humanas.

Outro aspecto é que essa mulher também é uma educadora, e os saberes acumulados pela experiência e pela prática cotidiana são os conteúdos a serem ensinados. Pois, ao procurarem-na, homens e mulheres aprendem o cuidar da saúde a partir da escuta e da observação que fazem do rito de cura, da imitação da técnica de (re)criação e produção dos remédios. Ela ressalta que o pouco conhecimento da forma adequada de consumo pode causar reações adversas, diminuição ou ausência do efeito esperado, além de intoxicação.

Dona Rosinha também falou sobre as rezas e os banhos,

*Não é uma coisa que estava pronta, eu pensava nas rezas. Depois guardei na memória. Quando preciso, recorro a elas. Ser assim, às vezes, é difícil. Não dá para usar sempre a razão. Tem coisas que não dá para explicar. A gente só sente. Eu conheço várias rezas, cada uma tem sua finalidade, entre elas: para peito aberto; para espinhela caída; contra aflição; para início de trabalho; de força; para retirar a placenta.*

*Também sei fazer remédio para febre; para dentição; para dor de cabeça; para ferrada de arraia. Os banhos também são remédio, mas remédio para usar por fora. Quando o corpo precisa de alguma ajuda espiritual. Conheço vários tipos de banho e para que servem, tem banho para limpar o corpo, para passar a febre, para tirar a panema ou panemisse. Todos levam ervas diferentes (Rosinha, fev. 2020).*

Nesses relatos, Dona Rosinha elenca saberes de cura, relacionados à reza, à criação de remédios naturais e aos banhos. Sua percepção aguçada, a observação e a habilidade desenvolvidas e consolidadas com a prática e a experiência do dia a dia oferecem a ela a condição de “médica popular”. Pinto (2010) explica que, entre os seus, mulheres como Dona Rosinha são vistas como médicas, enfermeiras, farmacêuticas, capazes de fazer aliviar, com unguentos, banhos, chás e rezas, as dores e os males da população que não conta com outro recurso, pois, em locais distantes dos centros urbanos e dos serviços de atendimento à saúde, essas mulheres são as responsáveis por tratar de diversas enfermidades, baseando-se no conhecimento tradicional. Ressalto que, na Amazônia brasileira, essas práticas de cura ainda se encontram bastante presentes devido à geografia da região, com seus rios e florestas, e a distância de hospitais, conforme já explicitado.

Dona Rosinha revela, ainda, que, para identificar as doenças, ela observa os sintomas que o indivíduo apresenta. Sua experiência a permite fazer isso: “já atendi de quase tudo, às vezes já tenho remédio pronto, outras vezes não é de remédio que a pessoa precisa, mas de uma

*reza, um passo. Eu identifico o que é que a pessoa tem e ensino a fazer o remédio” (Rosinha, fev. 2020).*

As narrativas da guardiã da tradição são ricas de experiências. Fica evidente que embora não tenha estudado em escolas formais, ao longo da vida, acumulou diversos conhecimentos, especialmente relacionados ao cuidado da saúde.

### **Considerações**

Nessa relação entre Dona Rosinha, seus saberes de cura e as pessoas atendidas, há outro tipo de ciência, uma *ciência primeira*, uma prática educativa dos saberes da tradição, pois, ao partear, puxar, benzer, orar, há saberes que se movimentam dentro e fora desses processos, posto que ela ensina às pessoas a quem atende, o processo de feitura de remédios naturais e de cuidado à saúde.

A educação presente nas suas práticas é forjada na experiência das relações cotidianas tecida entre ela e os sujeitos que ajudou. Isso me permite afirmar que a educação não acontece apenas na escola, mas também em outros espaços da vida cotidiana. Logo, entendo que o processo de aprendizado promovido por Dona Rosinha se legitima no contato com seus pacientes, ainda que não tenha acontecido em um ambiente formal de educação.

Compreendo que o ensino de Ciências na contemporaneidade deve considerar os saberes tradicionais como forma de valorizar tais saberes herdados das populações que nos antecederam e repassados pelos mais velhos ao longo de séculos, que se configuram como patrimônio cultural imaterial extremamente úteis para o cuidado da saúde.

Finalizo pontuando que a guardiã da tradição faz parte do mesmo grupo social que socorre. Seus saberes, considerados “informais”, transformam-se diante de determinado grupo, fundamentalmente do meio rural, numa “medicina barata”, mas eficaz. As diferentes formas de assistência prestadas por essa mulher, além de lhe conferir elevado grau de prestígio, respeito e admiração, garante a legitimidade dos seus saberes e fazeres no tocante às práticas de cura. As experiências partilhadas por ela permite entender que o conhecimento está entrelaçado e se renova de modo permanente, se considerarmos que o saber está sempre em construção, reorganizando-se, renovando-se. É assim que Dona Rosinha mantém vivo seus saberes.

### **Agradecimentos e apoios**

CNPq, Universidade Federal do Pará.

### **Referências**

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. 2. ed. rev. e ampliada. Curitiba: APPRIS, 2017a.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017b.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA; UFRN/PPGCS, 2001.

FREITAS, Ana Valéria Lacerda; COELHO, Maria de Fatima Barbosa. Os “remédios do mato” por especialistas locais da comunidade São João da Várzea, Mossoró, RN, Brasil.

**Interações** (UCDB), v. 15, p. 249-264, 2014. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/pdf/inter/v15n2/04.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2000.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada**: medicina e xamanismo. Belém: UFPA, 1990.

MORIN, Edgar. **O Método 1**: a natureza da natureza. Trad. Ilana Heineberg. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MORIN, Edgar. **O Método 2**: a vida da vida. Trad. Marina Lobo, Simone Ceré e Tânia do Valle Tschiedel. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Filhas da mata**: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia. Belém: Açaí, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. **História, ciência, saúde – Manguinhos**, v. 4 (suplemento), p. 919-939, set. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a08.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.